

“ORIGENS”

“ORIGINS”

Gerson Rodrigues de Albuquerque¹

O amazonialismo nos tornou reféns de estereótipos, fantasmagorias e imagens bizarras de nós mesmos. Cada vez que uma pessoa, um grupo de pessoas ou uma instituição propõe um evento ou espetáculo ou uma capa de livro ou seja lá o que for por estas plagas, as imagens de tucanos, onças, cobras, botos, seringueiras, castanheiras ou coisas do gênero ocupam o plano principal. Não raro são imagens de indígenas ou trabalhadores da floresta ou suas casas estampadas em publicidades que anunciam/vendem o “mundo amazônico”.

Valeska Alvim, Écio Rogério, Gisela Brugnara e todo o elenco do Grupo de Teatro Universitário “Nóis da Casa” rompem com esses estereótipos. Essa é a primeira percepção que salta aos olhos daqueles que assistem “Origens”, espetáculo de dança contemporânea, inspirado na obra

do seringueiro, músico, escritor e artista plástico Hélio Melo: um homem das Amazônias e dos mundos.

Embora a diretora do espetáculo anuncie, no vídeo de abertura, que as “imagens falam por si”, a substância mais suculenta de sua produção é, exatamente, a descoberta das muitas subjetividades – em cena – nos movimentos de seus dançarinos e dançarinas, nos sons, ritmos, cores, iluminação, enfim na gestualidade/virtualidade/oralidade presentes em “Origens”. Intencional ou não, pensado coletivamente ou não, o espetáculo despedaça as fórmulas simplórias e binárias da civilização-barbárie amazonialista.

O equívoco inicial da fala de Valeska Alvim, no entanto, é compensado pelo esmero com que a mesma tentou moldar os corpos dos integrantes de seu elenco,

¹ Doutor em História Social pela PUC – São Paulo (2001) e professor da Universidade Federal do Acre, com atuação no Centro de Educação, Letras e Artes e no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade. Este ensaio escrito em abril de 2013, após a segunda temporada de “Origens”, espetáculo de dança contemporânea, do Grupo de Teatro “Nóis da casa”, da Universidade Federal do Acre, dirigido pela professora Valeska Alvim.

jovens de diferentes trajetórias e perspectivas articulando um todo em busca da harmonia – em meio à “desarmonia” proposital de Hélio Melo – da percepção, das reminiscências, do encontro com os olhares de espectadores nem sempre familiarizados com a leitura de imagens e mesmo ávidos por uma legenda, uma nota explicativa, um comentário de “especialista”.

A iluminação de “Origens”, em sua busca febril por “raios de sol atravessando a floresta” merece destaque. O trabalho com as cores, luzes e sombras é muito significativo e rima, quase o tempo todo, com os movimentos dos dançarinos e dançarinas; a música é intensa. No meio do espetáculo seu ritmo mais lento, intercalado nos remete às margens dos igarapés de nossa infância perdida. Porém, de súbito, retorna ao ritmo acelerado do deslocamento em meio à floresta. Nesses intercalados momentos, a transmutação cultura/natureza, marcadamente, presente na obra de Hélio Melo transborda do palco para a platéia. A mão firme da direção de Valeska Alvim é parte desse *overflow*, posto que o trabalho

de corpo ou as transmutações dos “seres da floresta” refletem a dedicação na montagem das cenas e a refinada percepção do trabalho de pesquisa.

Vicejando a cultura de corpos sensuais, vestidos num figurino que transita perigosamente entre o arquétipo e o estereótipo, as dançarinas e os dançarinos desafiam a comodidade de olhares por demais marcados pela grafia semiótica de “Malhação” ou outros programas televisivos. Acompanhamos aqueles corpos em movimento e nos perguntamos a que tipo de espacialidade/temporalidade pertence seus ritmos, cores, sons? Chegamos mesmo a pensar que, em “Origens” a temporalidade desintegra a espacialidade, isto é, temos a impressão de que se trata de algo que pode ser ambientado em qualquer lugar do país ou do mundo. Acreditamos residir aí uma obsessão à universalidade que em tudo é contrária à universalidade dos temas, cores, luz e sombra presentes na obra de Hélio Melo.

“Origens” grita aos nossos ouvidos e olhos o quanto o imprescindível silêncio nos foi arrancado, posto que, em meio a

tudo o que o espetáculo promete, os sons da floresta desaparecem de todo o seu cenário. É necessário destacar que o silêncio nada tem a ver com o solitário e muito menos com o vazio. Silenciar o silêncio é o sintoma mais nítido de um amazonialismo às avessas.

A Amazônia de Hélio Melo é uma Amazônia interrompida. Nela o tempo nunca é um dado alheio ao acontecer da vida, à tensão e luta pela vida e pela floresta. A temporalidade de Hélio Melo fica suspensa nas metamorfoses cultura/natureza, nas mitificações de seres híbridos que se desesperam nas fronteiras entre a floresta e as pastagens. Seu “primitivismo” irradia uma universalidade impossível em Velasquez, Matisse, Picasso ou nos afrescos de renascentistas enquadrados pelas leituras e os vaticínios bíblicos. Suas cores percorrem mundos numa universalidade marcada pela relação e não pela exclusão; é um sopro de natureza capturado por sua genialidade impar. Por isso sua obra é do mundo, do “todo-o-mundo”, da universalidade pensada como o encontro das muitas particularidades, como

nos ensinaram Édouard Glissant e Joseph Ki-Zerbo.

A estética de Hélio Melo sempre foi inacessível aos olhos provincianos que lhe adornaram de alegorias e caricaturas. Mesmo depois de sua passagem relampejante pela Bienal de São Paulo continuou dependendo das esmolas de um estado ávido em financiar brunos e marrones a peso de ouro pras suas micaretas do pão e circo, com a mesma naturalidade e cinismo com que humilha nossos grandes artistas e mestres das “culturas populares”.

Em “Origens”, Hélio Melo aparece em certa leitura cênica e sob ritmos que insinuem uma floresta na qual esse genial artista nunca pôs os pés. No espetáculo – de dança contemporânea – o dia amanhece entre a cerração e assim permanece, é sempre junho ou julho e é sempre manhã. Nenhum direito ao entardecer ou ao anoitecer quando milhares de sons invadem os ouvidos e imaginações: cigarras, carapanãs, corujas, macacos, ventos, estrelas, encantarias e inúmeros outros seres constituem o panorama sonoro dos silêncios noturnos em nossas Amazônia. Écio Rogério

sabe disso, mas não os captou; Gisela Brugnara não sabe de nada disso e anunciou o que lhe era impossível realizar; Valeska Alvim caminhou nos ritmos dos deslocamentos e capturou imagens fugazes. Teve sensibilidade para apreender as espacialidades masculinas e compreendeu os incríveis movimentos das muitas metamorfoses homem/animal,

mas não encontrou o caminho – sempre úmido – das cacimbas e vertentes, das criações de quintal, dos terreiros da casa e dos roçados inundados dos sons alegres e dos sorrisos “à flor da pele” das crianças e das mulheres, a encher de alegria e esperança o que para muitos desavisados é somente melancolia, repetições e dores.